

IV

MARAVILHAS DA NATUREZA

NA ILHA DE MARAJÓ

(Rio Amazonas)

CONFERENCIA PELO PROF. DR. EMILIO A. GOELDI,
NA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE BERNE
(SUISSA) EM 29 DE JUNHO DE 1899 (1)

Encravada no estuario do rio Amazonas, jaz, entre a linha equinoxial e o segundo gráo de latitude Sul, a ilha de Marajó, cuja superficie excede em muito a de qualquer outra do denso archipelago que a envolve em complicado labyrintho. A sua superficie é avaliada em cerca de 42.000 kilometros quadrados, numero bem interessante para nós, pois a Suissa com os seus 41.346 k. q., offerece uma approximação sensível.

Junto a ella, em seguimento á mesma costa, em rumo Noroéste, acham-se as duas ilhas, Mexiana e Caviana, com parte na mesma latitude, e parte já no hemispherio Norte.

A Mexiana foi visitada em 1850 pelo naturalista e zoo-geographo inglez Alfred Russel Wallace, que d'ella

(1) O texto original em lingua allemã appareceu na revista illustrada «Die Schweiz», (Zurich, Suissa), vol IV, 1900, pag. 546—552, pag. 589—593, acompanhado de 9 vistas photographicas. A conferencia realisou-se, perante numeroso e selecto auditorio, na aula academica do novo «Instituto Zoologico» da Universidade de Berna, tendo o conferentista á sua disposição, como material demonstrativo, além de um mappa do Estado do Pará, em grande escala, um consideravel numero de vistas photographicas originaes.

nos deixou uma descripção nitida e digna de ser lida.

Marajó tem, por duas faces, os seus contornos perfeitamente assignalados e distinctos: pelo lado do Atlantico e pelo do canal do Sul, na fóz do Amazonas; entretanto, como facilmente se observa nas cartas modernas, falta-lhe para o lado interior uma linha de delimitação clara e definitivamente assentada, cousa, aliás, que (e isto certamente não é visivel nos mappas) encontra sua expressão na physionomia geral da região.

Si traçarmos uma diagonal que, partindo da foz do rio Cajuúna, vá até a embocadura do rio Atuaá, teremos Marajó obliquamente dividida em duas partes quasi iguaes, uma a Nordéste, outra a Sudoéste. A primeira metade é caracterizada pelas immensas planicies dos *campos* e das savanas, onde existe uma criação de gado bastante consideravel, si bem que technicamente imperfeita; na metade sudoéste, em que predomina a floresta virgem, typicamente amazonica, expande-se, sob o signo do Aquario, a colheita da borracha.

Sob os pontos de vista botanico e zoologico, cada uma dessas regiões apresenta caracteristicos particulares, facto cujo conhecimento, mesmo em seus traços fundamentaes, é relativamente recente, pois só em nosso tempo foi levada a cabo uma exploração séria para estudos geographicos e de Historia Natural.

Dos naturalistas que outr'ora viajaram o Amazonas poucos abordaram a ilha de Marajó, e esses mesmos pouco tempo se demoraram, e sempre em logares facilmente accessiveis, situados á margem da grande via commercial de Sudoéste, nos canaes de Breves.

Eu, porém, desejaria conduzir-vos para as bandas do Norte da ilha, que é quasi desconhecido e muito mais difficil de attingir, e, recommendando á vossa leitura, em materia de botanica e geologia, os trabalhos especiaes dos meus collegas, publicados no *Boletim do Museu Paraense* (vol. II, pags. 258 e seg.) e no *Globus* (vol. 73, n.º 5 a 7) tomarei a liberdade de occupar a vossa attenção, agora, com alguns factos de caracter zoologico que, no meu conceito, merecem o nome de—maravilhas.

*
**

Um estudo confrontativo do mundo animal segundo os differentes typos da paisagem:—os campos descober-

tos, com os seus *tesos*, de um lado, e às lagunas interiores do outro; as margens dos rios, em opposição á costa marítima;—seria de toda a vantagem, porque desse modo se patenteava uma imagem completa da vida organica.

Dados, porém, os limites naturalmente restrictos e a fórma de uma simples conferencia, isso envolveria umas tantas difficuldades didacticas que levam-me a proceder diversamente, e a tomar por guia a serie animal systematica.

No aspecto geral da fauna marajoara, os macacos representam um papel que merece mais attenção do que se poderia presumir. E isto não tanto pela variedade, pois na parte da ilha a Nordéste da diagonal a que já me referi ha pouco, contam-se apenas 3 ou 4 especies, mas sim pela grande porção numerica de individuos.

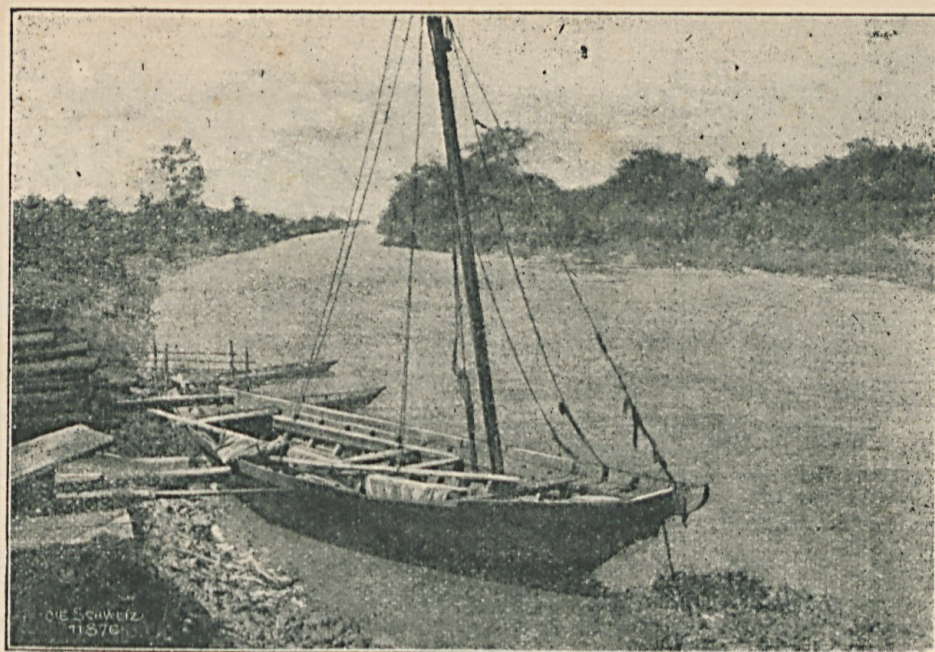
Evidentemente a existencia d'elles está ligada a certos logares em que a vegetação é de mato alto, como soem ser em primeira linha as margens dos rios e lagos, bem como certas extensões da costa marítima, emquanto que as *ilhas de mato* do interior vão-se tornando menos e menos propicias, á medida que mais largas soluções de continuidade são abertas na zona florestal pelas porções de campo que as medeiam, cobertos só de vegetação herbacea.

O viajante que, navegando silenciosamente, penetrar, em bóte, em um daquelles rios solitarios, cheios de encantos naturaes, da parte Nordéste de Marajó, vê e ouve muitas vezes bandos inteiros de macacos grandes que de longe parecem inteiramente negros:—são os *Mycetes Belzebul*, guaribas de mãos vermelhas, assim chamados pelo contraste que, vistos de perto, apresentam entre a côr das mãos e terço final da cauda, cujo pello é de um castanho avermelhado que com a idade cada vez mais intenso se torna, e o resto do corpo, de um negro azeviche.

Esses quadumanos são vistos em bandos de dez a vinte individuos que, evidentemente, conforme os seus habitos sociaes, representam familias mais ou menos numerosas, destacadas dos restantes, unificadas sob o governo de um velho macho, cuja soberania e cuja dignidade de patriarcha originam-se directamente na sua força physica e no tamanho e emprego energico dos seus caninos.

São de um character melancholico e escolhem para sua vivenda uma arvore frondosa que se destaque por sua altura extraordinaria e suas dimensões agigantadas.

Fig. 3

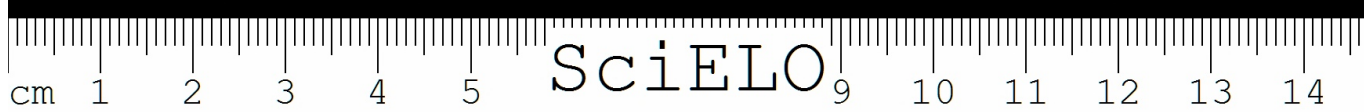
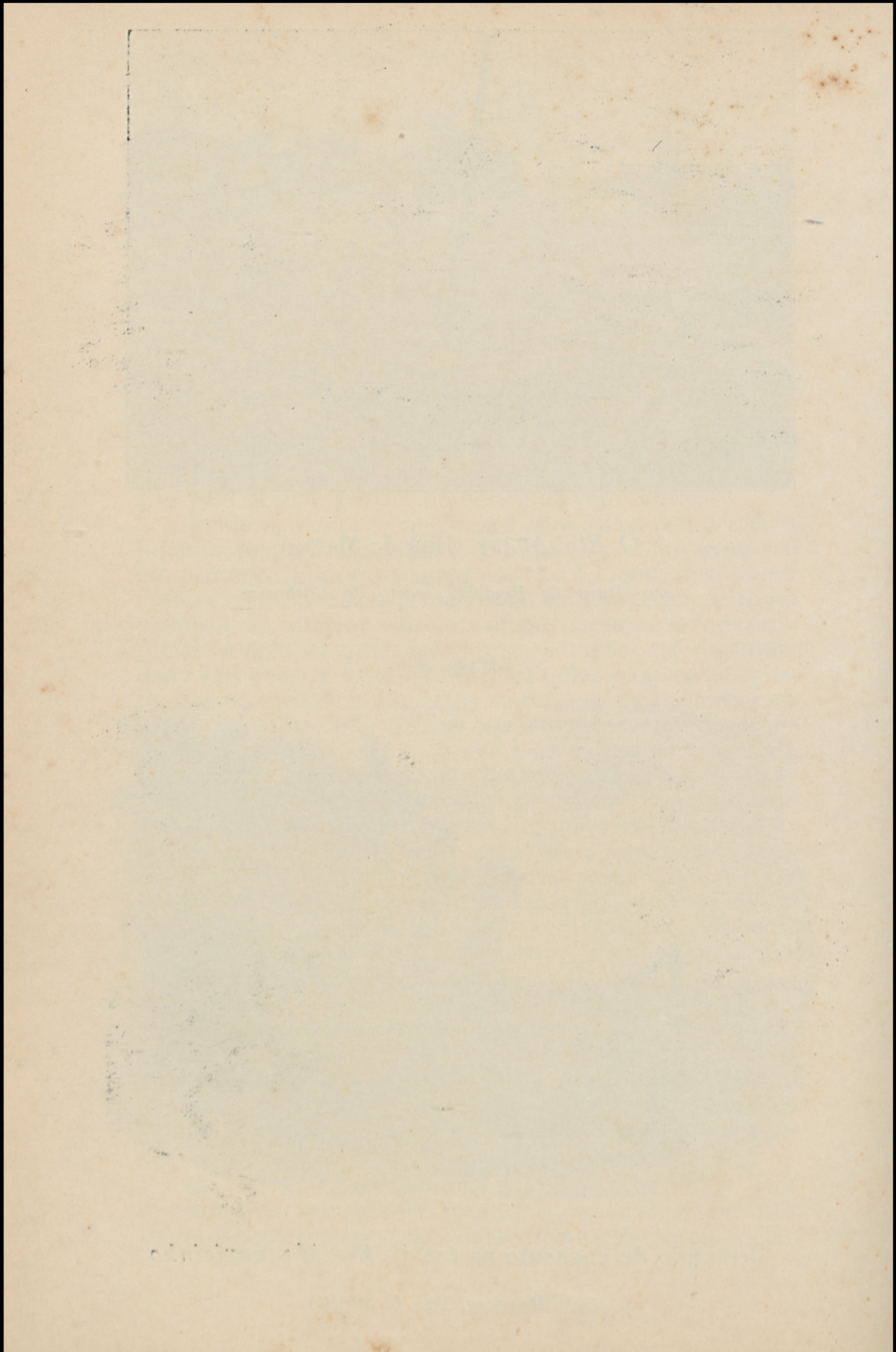


O Rio Arary (Ilha de Marajó)
na altura do Pindobal, perto de Cachoeira

Fig. 4



Principio de enchente na foz do Rio Maguarizinho
(Cabo Maguary, Ilha de Marajó)



Elles nos deixam approximar o bastante para podermos vêr distinctamente que, por exemplo, alguns d'aquelles senhores, tranquillamente deitados extendidos ao longo de um galho horizontal, deixando indolentemente pender de um lado e de outro as pernas e os braços, gozam um bem-estar contemplativo, enquanto outros, á cata de um succulento rebento, uma flôr ou um fructo, trepam aqui e alli nos troncos, despreoccupados e serenos. Alem é uma mãe entregue aos seus trabalhos domesticos, que consistem essencialmente em catar os bichos na pelle do filhinho mais novo; acolá é a mocidade, já algum tanto emancipada, que leva a vida descuidosa e leviana, passando os seus dias a divertir-se em exercicios gymnasticos.

Eis, porém, que o estampido de um tiro opera repentinamente a mais completa mudança desta scena! Tudo debanda no maior panico; um ramo que se agita, um bambú que verga, trahem, por momentos, a direcção dos fugitivos na floresta. Ouve-se o farfalhar dos canichos seccos, os estalidos dos ramos que se partem, de folhas que cáem; ás vezes tambem o baque de um corpo logo seguido de um grito de desespero:—foi sem duvida algum pequeno que não calculou bem a distancia do pulo!

Tudo isso se passou em menos de um minuto. Depois, silencio profundo.

Mas logo, dobrada a curva do rio, temos de novo o mesmo spectaculo sempre interessante.

E' asada a occasião para referir uma observação minha, que sempre me pareceu digna de reparo:—o contraste que existe entre a habitação desse guariba de mãos vermelhas, do Norte, e a do seu proximo parente, o guariba castanho-vermelho da região centro-littoral do Brazil.

Emquanto este ultimo, *Mycetes fuscus*, é, na serra dos Orgãos (Estado do Rio de Janeiro), um morador das florestas das montanhas, como eu vi até alturas superiores a 1200 metros sobre o nivel do mar, em alcantis pedregosos e seccos onde, no inverno, têm de supportar temperaturas até 3 graos abaixo de zéro, vemos o outro, *Mycetes Belzebul*, ao contrario, nas florestas das planicies baixas, ao longo da costa fluvial de Marajó, sob o equador, vivendo durante todo o anno uma vida quasi am-

phibia que na estação das chuvas será accentuadamente similar á existencia em aldeia lacustrê.

Naquelle uma preferencia manifesta pelas matas rochosas das serras, onde a agua, mesmo a necessaria para beber, depende de algumas horas de viagem ás gargantas selvagens da encosta, onde, poeticamente, murmuram os regatos; no outro, um temperamento hydrophilo, que está acostumado a aceitar a abundancia d'aquillo que, principalmente no verão, não é, para o seu primo meridional, muito facil obter.

Os guaribas de todas as especies que tenho pessoalmente conhecido têm o mesmo grito caracteristico. E' um «go-go, ho-go-ho, go-ho» arrastado, com o—o—rouco, e que dura um quarto d'hora ou meia hora; a differença de idades é causa de mui perceptíveis variações de altura e de timbre, e como todos não começam ao mesmo tempo, excitados sem duvida por suggestão reciproca, realisa-se essa especie de musica original que tão profunda impressão produzia em Alexandre de Humboldt durante a sua estada na America equatorial, segundo elle proprio o confessa. Esse côro, que se ouve principalmente de manhã e á tarde nas margens dos rios, não raro interrompido ou acompanhado pelo urro roucamente nasal do jaguar, que parte da banda de um *teso* proximo, é a cantilena que nos acalenta todas as noites, antes que o somno nos prenda á rêde armada na varanda aberta da fazenda solitaria que escolhemos para nossa habitação durante essa viagem de estudos scientificos.

As fachas de floresta que orlam as margens dos rios e lagos abrigam igualmente uma graciosa especie do genero *Saimiris*, o *S. sciurea*, conhecido no Brazil por «m a c a q u i n h o d e c h e i r o.»

Admirados e curiosos mas sempre timoratos, chiando uns gemidosinhos submissos, estes interessantes animaesinhos que, com a tarja preta que lhes circula a bocca, têm o aspecto de quem comeu amoras ou assahy, cabriolam entre as cannas dos bambús ou sobre os bellos leques da palmeira do mirity, mostrando uma agilidade que attinge ao phantastico.

O que tambem não falta na ilha de Marajó são m o r c e g o s, grandes e pequenos, de todas as especies. Apenas o sol se esconde por taz da planicie infinda dos campos, elles enchem o ar com as suas viravoltas incalculaveis, um pouco por toda a parte, junto á floresta, por

cima da fazenda, sobre o rio e á beira-mar. Muitos retardam-se mesmo até pleno dia, á procura de alimento.

Lá, como no velho mundo, a crença popular não é favoravel a esses animaes. Nas regiões de criação de gado—como o é a metade atlantica de Marajó—ha com effeito frequentes motivos para justificar essa má prevenção, porquanto as especies de *Dysopes* de azas estreitas, por exemplo, são, como está averiguado, sanguessugas habituaes, sempre dispostas a molestar dolorosamente quer os animaes domesticos, quer o proprio homem, principalmente em certas épocas e certos logares.

Quanto a animaes carniceiros, Marajó possui em primeiro logar a onça ou jaguar (*Felix onça*), depois o guaxinim (*Procyon cancrivorus*), o cachorro do mato (*Canis brasiliensis*), com os quaes o viajante por aquellas paragens tem bastantes oportunidades de fazer conhecimento. O ultimo delles que eu só encontrei de pello cinzento, leva, nas abertas dos campos e nas ilhas de mato nelle semeadas, a mesma vida que entre nós, na Europa, a comadre Raposa nos bellos dias de verão.

O guaxinim porém, sempre assanhado, com as suas pernas de aranha compridas e delgadas, anda, durante a maré baixa, pelos taludes de lodo nú ou por entre as raizes do mangue, occupado na caça aos caranguejos, cujo casco e tenazes elle é mestre em quebrar com seus dentes agudos; nas horas de forte calor elle vai fazer a sésta na forquilha de um tronco ou no ôco de um cajueiro.

Entretanto o animal feroz, mais do que todos, merecedor da nossa attenção é o jaguar que, não ha negar, existe ainda hoje em abundancia na parte nórdeste da ilha.

Isto refere-se especialmente ao littoral atlantico de Marajó, porem não é menos applicavel ás ilhas Mexiana, das Fléxas e Cavianna que, lançadas em prolongamento della, lhe são physionomica e geneticamente similares.

Em especial á Mexiana a abundancia das onças já foi notada por Wallace, e, por informações recentemente colhidas no local, estou convencido que a tal respeito não houve modificação desde o meiado do seculo.

A onça, que é o maior felino depois do leão e do tigre, encontra alli, na boca do Amazonas, a coincidência de numerosas condições favoraveis á sua existencia: innumerios rios, grandes e pequenos, todos ricos de peixes e marginados de ambos os lados por altas florestas,

muitas vezes impenetraveis, intercaladas de extensas planícies de campos; além disso a importante criação de gado que alli se faz ha quasi seculo e meio, enquanto a população humana permanece pouco numerosa e disseminada.

Como tantos outros felideos, o jaguar é de uma natureza feliz, achando-se tão á vontade em terra como na agua, e tirando immensas vantagens de todas as circumstancias que, nos terrenos como os de Marajó, constituem outras tantas difficuldades para o homem, quando se trata de uma caçada séria. Elle nada e mergulha como um peixe e a passagem de um rio ou braço de mar para alcançar a mata da margem opposta, não somente é cousa que para o jaguar não tem a minima difficuldade, como, ao contrario, é exercicio a que parece entregar-se por divertimento predilecto na sua caçada quotidiana.

Bastante prejuizo dá elle aos criadores de gado, arrebatando-lhes annualmente grande numero de bezerros e novilhos e mesmo, nas frequentes rondas nocturnas que, com uma insolencia incrível, faz ás proprias casas de morada dos fazendeiros, não desdenha ensejo de apanhar algum descuidado cão domestico, quando póde.

Dei-me ao trabalho de inquirir dos grandes fazendeiros, pessoas de minha inteira confiança, a importancia dos prejuizos causados pelas onças á criação do gado e, das informações colhidas, resulta poder-se-os avaliar em uma media de $1/2$ a $3/4$ % do numero total de cabeças, isto relativamente á costa atlantica da ilha. Ha, não obstante, uns logares mais depredados que outros, e nas ilhas menores o estado de cousas torna-se mais agudo; na ilha das Fléxas, por exemplo, parece que o seu proprietario, segundo ouvi dizer, teve o desgosto de vêr desaparecer todo o seu gado, em numero de umas trinta cabeças, devorado pelas onças que iam do continente a nado.

Entretanto eu quero me oppor á falsa idéa, geralmente acreditada, de que naquella região se encontra, a cada passo, este soberbo felideo. Affirmo que póde-se alli viver semanas e mezes, batendo diariamente os campos em todas as direcções, sem ver uma só vez um jaguar. Isso mesmo nos succedeu, a mim e aos meus companheiros, posto que nos demorassemos bastante

tempo na ilha, e só me lembro que, uma vez, de tarde, passou um jaguar perto da nossa habitação, cousa que infelizmente só vim a saber alguns minutos depois.

Verdade é que o jaguar durante o dia é menos activo. Os vaqueiros é que o encontram mais vezes, quando fazem o seu serviço. Mas, ás horas tardias da noite, ou pela madrugada, ouve-se, das fazendas, o seu urro, partido de um teso a algumas centenas de metros distante, e mais de uma vez eu pude ver durante o dia o sitio em que o jaguar, na vespera, enterrara o seu excremento, como o fazem os gatos domesticos: os rastos das suas possantes patas, impressos na terra humida, tão largos que eu mal podia cobril-os com a mão, não deixavam duvida alguma a respeito.

O gado disperso, do qual apenas um certo numero de vitelios fica durante a noite recolhido no curral, tambem dá mostras de conhecer a voz do tradicional inimigo; as vaccas mostram-se inquietas; o toiro levanta-se, com ares bellicosos, e responde ao grito de guerra; os cavallos que pastam arrebitam as orelhas, receiosos.

O jardim zoologico do Museu de historia natural do Pará tem recebido regularmente onças vivas apanhadas pela rude e vigorosa raça dos vaqueiros. Já uma meia duzia tem-nos vindo assim de Marajó durante os ultimos annos, e entre ellas uma bellissima onça preta. Actualmente o estabelecimento possui trez exemplares vivos, todos de Marajó, sendo um velho e dois filhotes do anno passado, dois gemeos.

Para o vaqueiro é cousa desejada o encontro de um jaguar no campo aberto: si o animal não fóge, que elle possa atirar-lhe o seu inseparavel laço, é certo que o jaguar será enlaçado e amarrado, não lhe valendo os seus arrancos de bravura selvagem.

Ultimamente, depois que alguns fazendeiros, em seu proprio interesse, pagam certa quantia por cada jaguar apanhado, morto ou vivo, os vaqueiros têm-se occupado mais dessa caçada; e mais, sabendo que o jardim zoologico do Museu é um comprador certo dos exemplares vivos, elles não desdenham occasião de os apanhar, procurando, de preferencia, roubar ás mães os filhotes nas épocas da procreação, ordinariamente em abril e maio. Para isso o vaqueiro espreita o momento em que a onça julgando poder deixar sózinhos, na penumbra do talude de um teso, os filhos—em geral dois

—faz uma batida aos pequenos animaes pelos arredores.

Então os vaqueiros correm depressa, mettem sem mais cerimoniaes para dentro de um sacco os gorduchos filhotes que miam desesperadamente. Aos mais crescidos, amarram préviamente.

Depois, é galgar os cavallos e partir em terrivel galopada, porque cavallo e cavalleiro sabem perfeitamente o quanto, atraz delles, o perigo é ameaçador !

Mas, em geral, póde-se dizer que os vaqueiros fazem relativamente pouco caso do perigo da onça que, como o disse ha pouco, depende em grande parte das circumstancias do logar e elles confiam, com toda a razão, na intelligencia, velocidade, obediencia e resistencia dos seus cavallos—virtudes e qualidades levadas a um gráo verdadeiramente extraordinario pelo continuo exercicio, pois o vaqueiro está a mór parte do tempo a cavallo, lidando com gado bravio.

A ilha de Marajó é tambem um verdadeiro El-Dorado para uma especie de roedores, a maior da fauna actual, *Hydrochoerus capybara*, que os naturaes do paiz chamam *Capivára*, palavra composta de dois termos indigenas, e que significa «*senhor da herva.*»

Este animal póde, com muita propriedade, ser comparado a uma enorme cobaya cujas dimensões fossem augmentadas seis vezes em diametro.

Si bem que a *capivára* se encontre por toda a parte na America do sul aquem dos Andes, desde o Orenóco até o 34 parallelo austral, nos pantanos, rios e lagos quer da planicie, quer das montanhas até altitudes de 800 metros e mais, o que é facto é que a sua grande abundancia em parte alguma chamou-me tanto a attenção como no labyrintho das alluviões amazonicas.

Si de uma fazenda no Cabo Magoary partissemos, de madrugada, rio acima, em um bóte, até o local em que larga clareira, interrompendo a linha marginal da floresta, nos permite descortinar a extensão da planicie além, após galgarmos a rampa suave da ribanceira veriamos espalhados, a algumas centenas de metros, grande porção de vultos escuros que se movem lentamente, e que, á primeira vista, parecem-nos vaccas pastando. E' uma grande vara de *capivaras*, talvez de cinquenta, oitenta ou cem, ou mesmo mais ainda. Mandamos um camarada afim de espantar a vara para o nosso lado, sabendo já, por experiencia, que na fuga os ani-

maes dirigem-se, com certeza, para a agua, e virão provavelmente atravessar a clareira.

Ao perceberem o desmancha-prazeres as capivaras hesitam, enfileiram-se em curva á direita e á esquerda, e começam a retirar-se vagarosamente.

Pouco a pouco o movimento vai-se acelerando e afinal transforma-se em uma carreira desenfreada, em tropél. Graças á estupidez notoria desses broncos roedores, é-nos possivel mais de um tiro com bom resultado.

Mas os que não ficaram alli extendidos estão perdidos para nós, pois com o impeto de uma bala de artilharia, e dando, apavoradas, gritos extranhamente semelhantes a latidos, primeiro as capivaras grandes, depois as medianas, e atraz os filhotes, todas se precipitam de roldão no talude e na agua salvadora.

Mergulham, nadam apressadamente por baixo d'agua, e, só de vez em quando, aqui ou acolá, surge á tona um focinho prescrutador do perigo, e a fuga continúa, sempre occulta.

Ao fim de alguns minutos, cortada a correnteza obliquamente, alcançam lá longe a margem opposta, galgam a terra e desaparecem nas brenhas protectoras da mata, em todas as direcções.

Alguns pequenos que conseguimos agarrar pela nuca atroam-nos os ouvidos com seus gritos agudos como apitos, que nos penetram até á medulla e que se assemelham ao silvo estridente do nosso porquinho da India. Cuidado então com os dentes desses pequenos como com os dos grandes, porque os dois pares de incisivos extraordinariamente desenvolvidos n'um tão grande roedor, dão golpes de navalha, que pódem ser perigosos.

Além do homem, que a accusa de devastar os pastos, a capivara não tem, por assim dizer, outro inimigo se não o jaguar, que de vez em quando lança-lhe ao cachaço a sua pata senhoril, quando quer variar de *menú*.

Cousa que me surpreendeu na capivara de Marajó foi é a sua roupagem particularmente avermelhada e o pronunciado cheiro e paladar de peixe da sua carne.

Quem fica bastante perplexa com as periodicas inundações dos campos é a graciosa *Dasyprocta croconota*, avermelhada especie das *cutias* da America meridional.

Poder-se-á fazer disso uma idéa se eu dissér que, em 1896, pela enchente do principio de setembro, presenciei no Cabo Magoary alguns rapazes que pescavam matarem a pau mais de quinze desses graciosos roedores, que se achavam ilhados em uma moita no meio da agua.

Uma especie de veados, garbosos e ariscos, do tamanho da nossa corça européa, representa nos campos de Marajó os ruminantes selvagens.

Como desdentados temos alli o tatú, com a sua couraça de nove arcos, que é muito commum, e temos o grande tamanduá—*Myrmecophaga jubata*—que bem merece nos occupemos delle um pouco.

E' tal a frequencia deste soberbo animal no canto Nordéste da ilha que, as vezes que alli temos ido buscar animaes para o jardim zoologico, somente a algumas horas antes da partida do nosso barco á vela é que se sahe a apanhar os tamanduás, coisa que, é verdade, faz-se tambem com relação ás capivaras e aos guaxinins.

Para isso alguns vaqueiros partem, a cavallo, em varias direcções e, com a agudez de vista peculiar áquelles homens primitivos, sondam methodicamente a extensão dos campos e successivamente as reboleiras que se alteiam aqui e acolá.

Não demora muito que não encontrem um tamanduá. O laço, dextramente lançado, apanha-os immediatamente, infallivelmente pelo pesçoço, e o bicho, depois de puxar e repuxar, cabriolando furiosamente, reconhece a final a inutilidade dos seus esforços e tróta pelo campo ao lado do cavalleiro, cujo unico cuidado, de então em diante, é evitar os buracos e as moitas de mato, porque ahiencontraria de cada vez nova resistencia e nova lucta.

Assim vem o prisioneiro, sob custodia, até á gaiola forte em que será transportado e que o espera, de portas abertas, á beira do rio e, se no momento decisivo não faltam alguns pulsos rijos e a indispensavel habilidade, o animal vê-se, n'um relance, empurrado para dentro da caixa e trancado a ferrolho e taramella.

Foi exactamente dessa maneira que, por varias vezes já, apanhamos mães que traziam o filhinho ás costas.

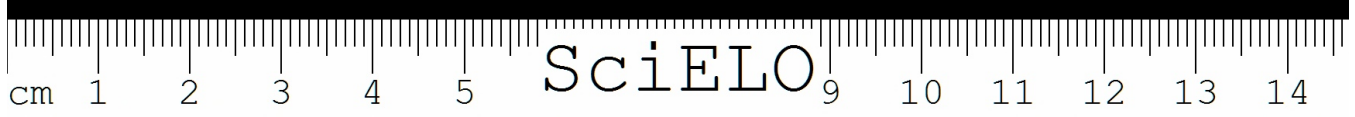
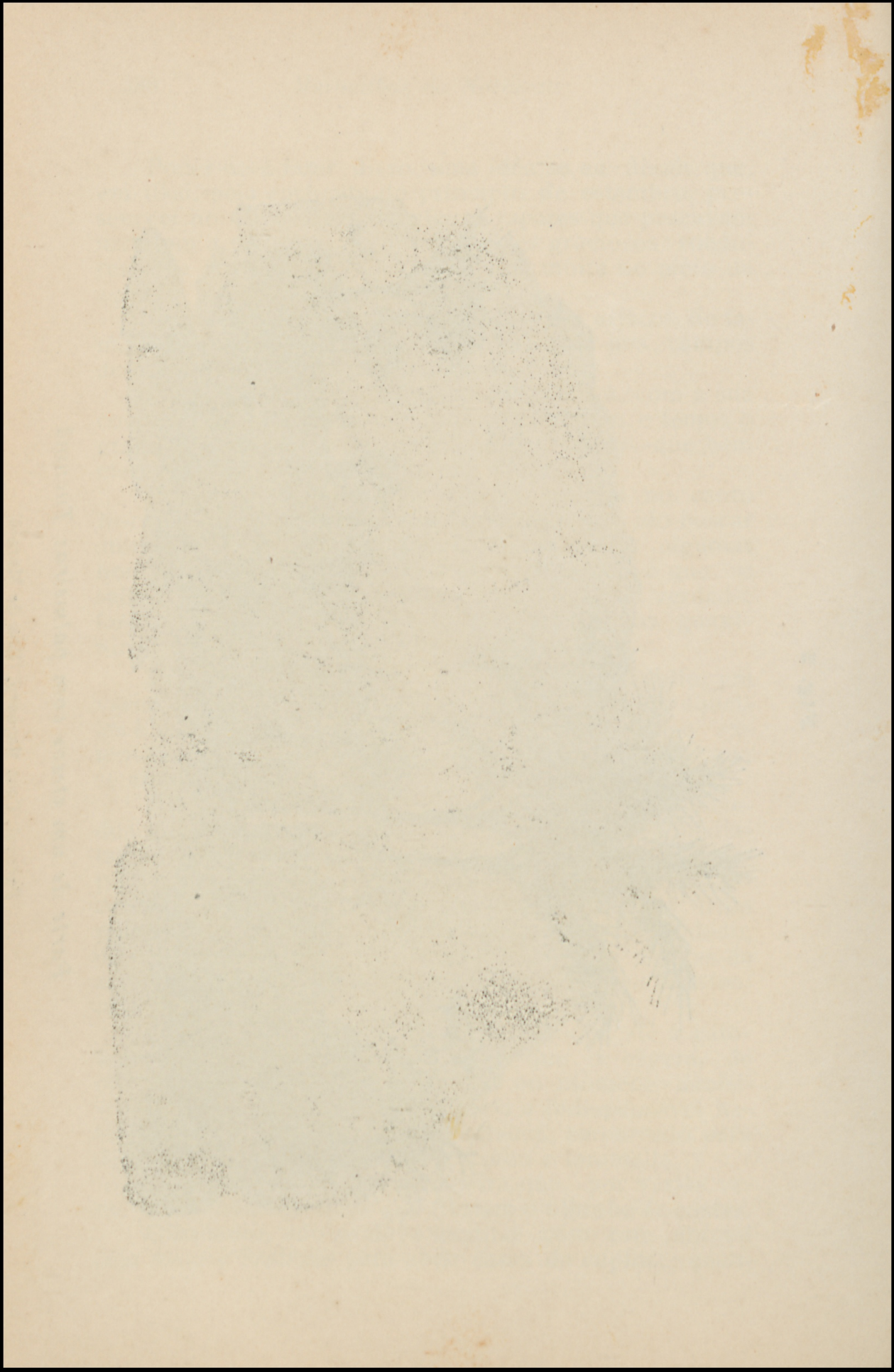
Entretanto, não se deve facilitar com este animal cuja força é bastante para abrir casas de cupim; quan-

Fig. 5



Parte de um «teso» com palmeiras Tucumã

Pacoval, Cabo Maguary, (Ilha de Marajó)



do o tamanduá se levantar sobre os pés, colérico, bufando como um gato e agitando a sua grande cauda felpuda, é de bom conselho mantermo-nos em respeitosa distancia das suas mãos, cuja garra media extremamente alongada em forma de fouce, é de tal modo cortante que nós mesmo já o vimos, de um só golpe, destripar uma capivara.

Um facto que acabo de trazer ao dominio da litteratura zoologica é que, em suas corridas pelos campos, o tamanduá encontra ás vezes ninhadas de aves—principalmente perdizes—cujos ovos elle quebra com as unhas, chupando-lhes o conteúdo com a sua immensa lingua vermicular. Este facto foi por nós aproveitado para resolver, no jardim zoologico do Pará, o problema da alimentação dos tamanduás, porém, mesmo assim, difficilmente conseguimos que o animal viva por mais de 3 ou 4 mezes.

*
* * *

O que, porém, em Marajó attinge a uma magnificencia imponente e em verdade surprehendente, é o mundo alado, quer pela enorme variedade das especies, quer pela incrível abundancia de individuos.

Não têm faltado pennas que com o maior brilhantismo descrevessem a ornis do baixo Danubio e a do valle do Nilo. Eu porem quizera poder, como outr'ora Virgilio, Tasso ou Camões, chamar ao meu auxilio as Musas que me inspirassem palavras com as quaes fosse possivel dar uma idéa do deslumbramento que no visitante opéra, infallivelmente, o quadro d'aquellas aves, vistas lá no seu meio, á foz do Amazonas e nas ribas do littoral da Guyana.

Porta natural de entrada e sahida da *Hylaea amazonica*, em cujo prolongamento se acha, com a sua parte sudoeste coberta de matas virgens, Marajó está n'uma posição privilegiada, tendo ao centro vasta planicie de campos, toda cortada de uma rede de rios e regatos, possuindo não poucos lagos e lá fóra participando da costa maritima com commodo accesso tanto para a littoral da Guyana como para a extensa costa do sul do Brazil.

N'aquella ilha se encontram os elementos da fauna das trez zonas, cada uma d'ellas trazendo o seu contingente peculiar de formas aladas.

Permitti-me, senhores, que vos convide a acompanhar-me de imaginação em um passeio matinal em direcção ao campo que rodeia a nossa habitação temporaria na grande ilha.

Armemo-nos de espingarda e mettamos o facão á cinta, porque poderemos ter occasião de nos servirmos de ambos.

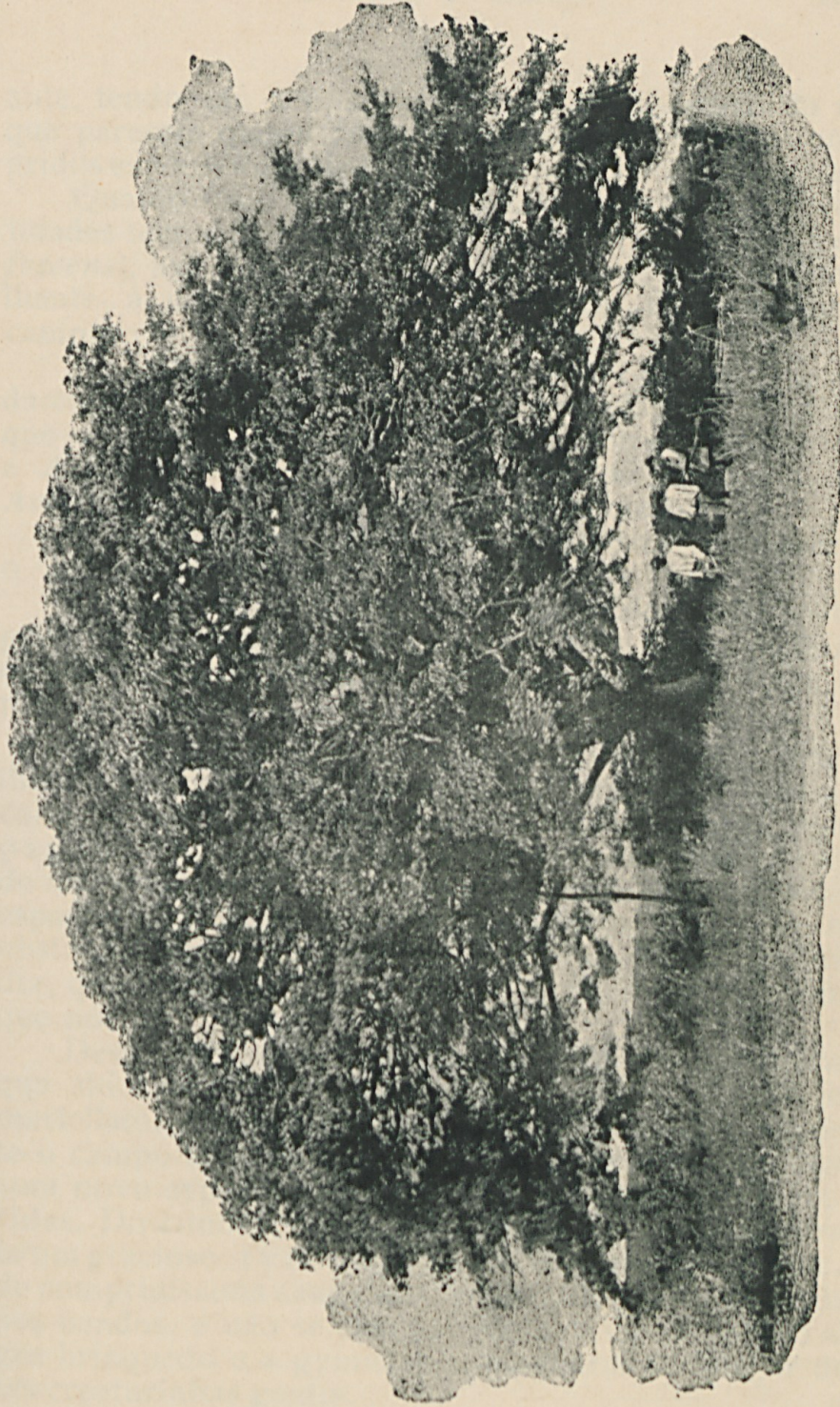
Apenas alguns passos fóra da varanda do rancho eis-nos em pleno campo aberto, em chão de areia movediza, ao pé de duas arvores que a continuidade do-vento torceu e inclinou. Uma é um cajueiro de flôres vermelhas e outra uma morcegueira (*Andira*) revestida de corimbos roxos. Murmura-nos aos ouvidos o zumbir de uma nuvem de insectos, e uma boa duzia de beija-flores rutilantes ajuda a animar o quadro, ora voando de um lado para outro, rapidos como fléxas, ora pairando por momentos ante os cachos floridos. São de varias especies, mas logo notamos que o maior numero é de *Eupetomena hirundinacea*, que facilmente reconhecemos pela sua longa cauda de andorinha.

Passamos ao lado do curral: aqui esvoaça em torno de uma vacca que ruma uma ave de rapina esbranquiçada (*Ibycter chima chima*) que lhe cata os carrapatos, alli é um bando de virabóstas, pretos, luzidios, que esgravata o estrume fresco; por cima das varas e pelas pontas dos esteios do curral estão, como que agachados, uma porção de insaciaveis urubús (*Cathartes foetens*), enquanto os seus primos mais nobres, de cabeça amarella e vermelha, lá perto da floresta, aquecem-se nos galhos de um enorme bacuryzeiro, abrindo as azas aos raios beneficos do sol da manhan.

Marchamos em pleno campo.

Aqui, alli, espantamos das moitas de herva um passarinho a que chamam «peruinha do campo» (*Anthus chii*) de um bruno pouco vistoso e tendo no dedo de traz um comprido esporão; mas não lhe podemos dar a nossa attenção attrahida por um bando de téu-téus (*Vanellus*) que nos saúdam com o seu estridente grito de alarme sem, no seu rapido vai-vem, se incommodarem muito com a nossa presença, a menos que nos não queiramos approximar demasiado. Si tentamos fazel-o elles param, inclinam diversas vezes as cabecinhas, pondo alternadamente em relevo a belleza do papo e a do longo topete, levantam depois n'um vôo curto e vão poisar alguns passos adi-

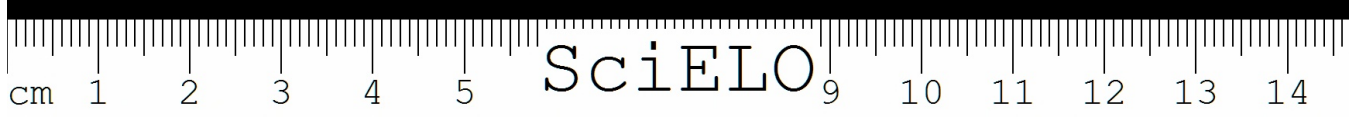
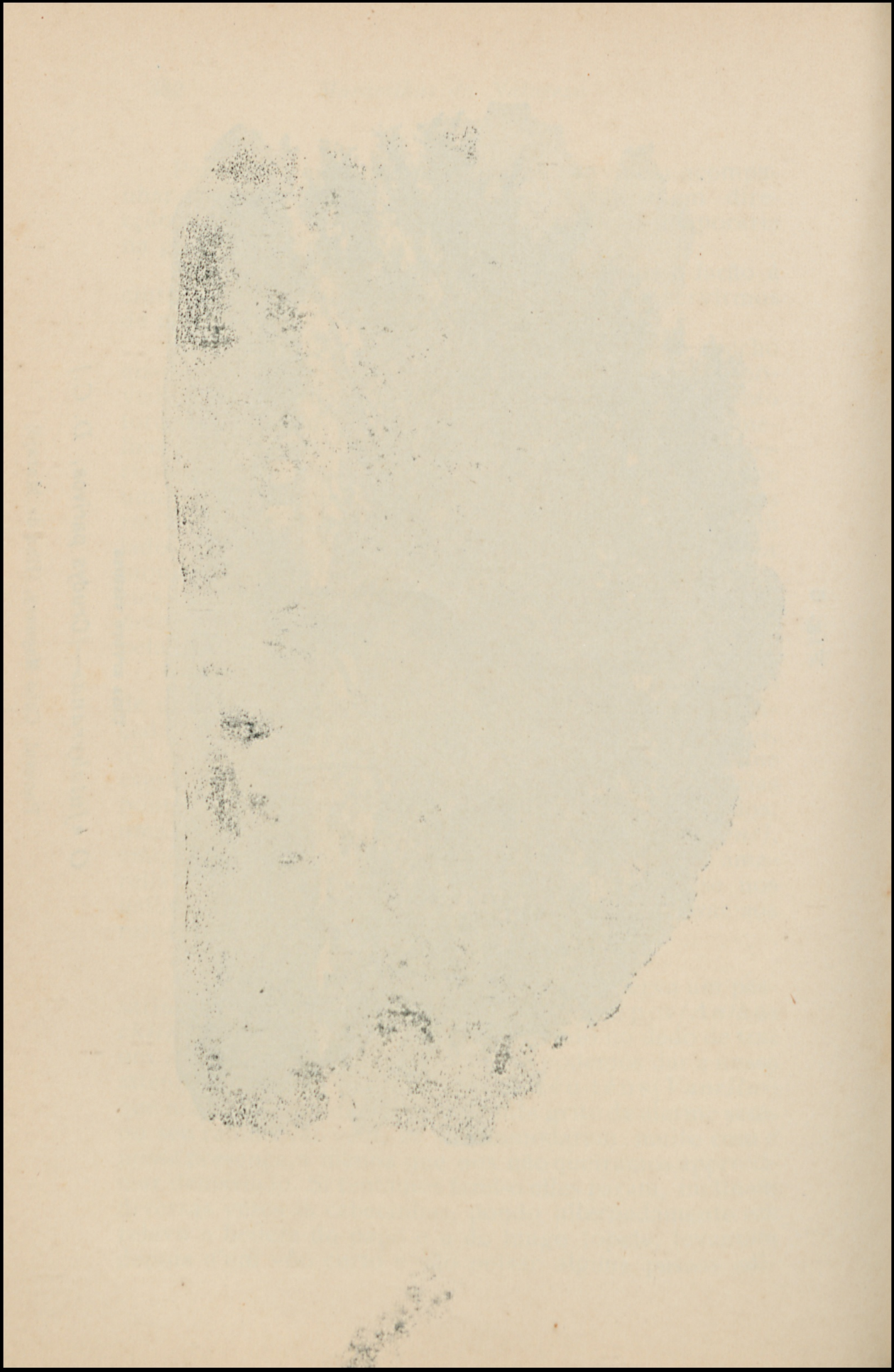
Fig. 6



Uma arvore vistosa

O «*Jutahyrana*»—(*Crudya parivoa*, D. C.)

Pacoval, Cabo Maguary, (Ilha de Marajó)



ante, tendo até a ousadia de passar tão perto de nós que parecem querer roçar em nosso rosto com os compridos esporões que lhes guarnecem os encontros das azas.

Quanto mais avançamos pela savana, mais probabilidades temos de encontrar a perdiz (*Rhynchotus rufescens*), ave bem protegida pela sua côr muito semelhante á do chão e da herva secca, amarellada, do campo.

Ao chegarmos perto de um capão de mato, fogem da copa das palmeiras tucuman, eriçadas de espinhos, que o orlam, duas ou trez especies de aves de rapina: são a *Asturina magnirostris*, ondeada de vermelho, e o *Accipiter tinus*, maior, azul-cinzento claro.

No seu tranquillo esconderijo, entôa melodiosas arias o caraxué indigena (*Turdus*).

Junto a um bambuzal somos recebidos com furiosa gritaria: são os chamados anús brancos (*Guira-guira*) côr de creme de cauda comprida, que alli têm o seu ninho colonial.

Da ramagem de uma grande arvore cujos fructos lhes serviram de almoço partem, dando gritos estridentes como as côres que lhes mesclam a plumagem, alguns papagaios (*Chrysotis amazonica*), emquanto em baixo do mato os morcegos e curiangos (*Caprimulgus*) que espantamos a cada passo bem nos demonstram que, não obstante o pretendido medo da luz e indolencia durante o dia, que se lhes attribue, elles nos viram sempre antes que nós os vissemos.

Despresemos porém toda essa miuçalha de animaes que ahi cantam, palram, saltitam, esvoaçam, picam e martellam, e atravessemos o teso. Avistamos novamente o campo mas, já agora, apresenta-se-nos a paizagem com novo aspecto, marchetada de moitas e arvores retorcidas. Do cimo das mais altas carobeiras faz o seu mirante um gracioso tyrannideo (*Milvulus*), o «tezoura», de compridissima cauda; em certas épocas elles alli andam aos bandos, e não se cança a gente de contemplar o alegre brinquedo e a gymnastica magistral do voejar destas creaturinhas gentis.

Bandos de verdes periquitos-reis, com o redor dos olhos amarello (*Conurus aureus*), vagueam ao acaso, sem descanso, entre as arvores, gritando agudamente, levando vida de bohemios, impellidos, ao que parece, só pelo capricho do momento.

Não nos deixemos fascinar pelo tristonho assobio diatonico do legendario saci (*Diplopterus navius*) porque seria difficil vêr este diabinho: preferimos antes descobrir os autores dos arrulos e gorgeios que, em uma duzia de vozes differentes, ouvimos simultaneamente partidos das cópas espessas das arvores que se entrelaçam. Pelos gemidos supponho logo serem pombos e não nos enganamos; diversas especies d'elles espantamos: não só os pombos anões sul-americanos—*Chamaepelia passerina* e *Columbula griseola*, mas tambem alguns representantes maiores—a corpulenta *Zenaida maculosa*, a celebre «pomba de bando» do Ceará, com sua mancha obliqua no pescoço, de um brilho metallico, e a *Chloroenas rufina* de sombria plumagem. Esta ultima, principalmente, passa o dia a percorrer os campos em grandes bandos que á tarde regressam aos matagaes de tabócas ás beiras dos rios.

Chegamos a uma depressão do terreno, cujo fundo humido é cheio de aningas da altura de um homem, mururé e outras plantas aquaticas.

Na vegetação viçosa que rodeia essa baixada destacamos logo dois lusidos membros da familia dos guaxes (*Icterideos*) que na região substituem os nossos estorninhos do velho mundo: este é o familiar aritauá (*Gymnomystax melanicterus*) que em seu brilhante amarello e negro é comparavel ao orioló europeu; o outro é o *Leistes guyanensis* que se distingue pelo peito escarlata sobre fundo negro, e que o povo alcuñhou de «policia ingleza.»

Por dentro do aningal vamos espantando alguns *Bucconides*, conhecidos pelo nome de—capitães de bigode—dorminhocas figuras, reforçadas com grandes cabeças, de que o povo escarnece, bem como bacuráus e semelhantes aves pouco affeitas á luz meridiana.

Voltemos pelo caminho que costeia o mato, á beira do rio. Então não tardamos a ver, pelos arbustos e pela orla da mata, porções de cardeaes (*Paroaria gularis*) que alli põem sua nota escarlata viva; innumeravel quantidade de pequenos passarinhos de bico grosso, por isso mesmo chamados «bicudos», castanhos e cinzento-escuros, occupados em descascar as pequenas sementes das gramineas, uma especie de *Spermophila*; e ainda, a alguns passos da nossa residencia, cumprimenta-nos um «bem-te-vi» (*Pitangus lic-*

tor), Tyrannideo de grandeza media, com o ventre de um bonito amarello enxofre, e cujo canto não é desagradavel, apesar dos sons asperos de que é mesclado.

Se fizéssemos esse mesmo caminho á hora crepuscular que precede a noite ficaríamos surprehendidos por uma multidão de um grande bacurá u cujas azas são pelo lado inferior cortadas de uma lista branca, nuvem que enche litteralmente o ar em torno de nós nas evoluções do seu vôo magistral—é o *Podager nacunda*.

Nem menos admirados ficamos ante a enorme porção de pombas que em grupos compactos dirigem-se para a beira do rio e poisam nas cannas das tabócas em tal quantidade que estas quasi se quebram ao peso, e vergam para o chão em todos os sentidos, como se fossem simples canniços!

* * *

Consagramos um segundo passeio ao reconhecimento do rio próximo e de um lago interior. Para isso é-nos preciso um bóte ao qual chegamos depois de treparmos mais ou menos difficilmente, conforme está enchente ou vazante, sobre a *caiçara* de embarque, cuja estacada lateral é estação favorita de uma formosa andorinha de rio, branca e verde-metalico, a *Tachycineta albiventris*.

Assim que os remos caem n'agua fere-nos o ouvido o grito agudo de uma ave que, na margem opposta, vôa pouco acima do nivel do rio, rapida como uma fléxa. E' uma ariramba, de que não ha menos de cinco especies, desde o tamanho da cambaxira até ás dimensões do gaio europeu, e que muitas vezes habitam a mesma região (*Ceryle*.)

Vamos remando; sigamos pela margem do rio, subindo contra a correnteza, e evitando o quanto possível fazer o menor rumor.

Nos viçosos aningaes verde-escuros que se encontram ás vezes em vastos estirões nos lōgares em que os terrenos marginaes soffrem a influencia periodica da enchente, um grito plangente e melancolico evidenciou-nos uma grande ave de rapina de cōr ferruginosa, com uma mancha preta no papo. E' o «gavião bello» (*Ichthyoborus nigricollis*) que d'ora em diante encontramos a cada momento.

Nessas mesmas searas de aninga faz a sua morada predilecta a «cigana» (*Opisthocomus cristatus*) ave singular com a forma do faisão: alli vivem, alli comem, em bandos de 20 a 50 e mais individuos, alimentando-se destas folhas um tanto causticas; alli se aninham e chocam, alli completam todo o cyclo da sua vida tranquilla de camponez pacato.

Tambem duas qualidades de anús pretos, (*Crotophaga*) uma maior outra menor, costumam frequentar em bandos taes logares.

Uma immensidade de pontos niveos e escarlates que de longe avistavamos cobrindo uma enorme arvore secca tombada ao travez do rio, verificamos, ao approximar-mo-nos, serem garças brancas de dois tamanhos, e guarás; já alguns mais desconfiados voam, d'aqui um, d'alli dois ou trez, e como o nosso batél avança sempre, todos de repente, como a um signal dado, levantam-se em nuvem compacta, como um turbilhão de flocos de neve arrastado do vento de roda-moinho.

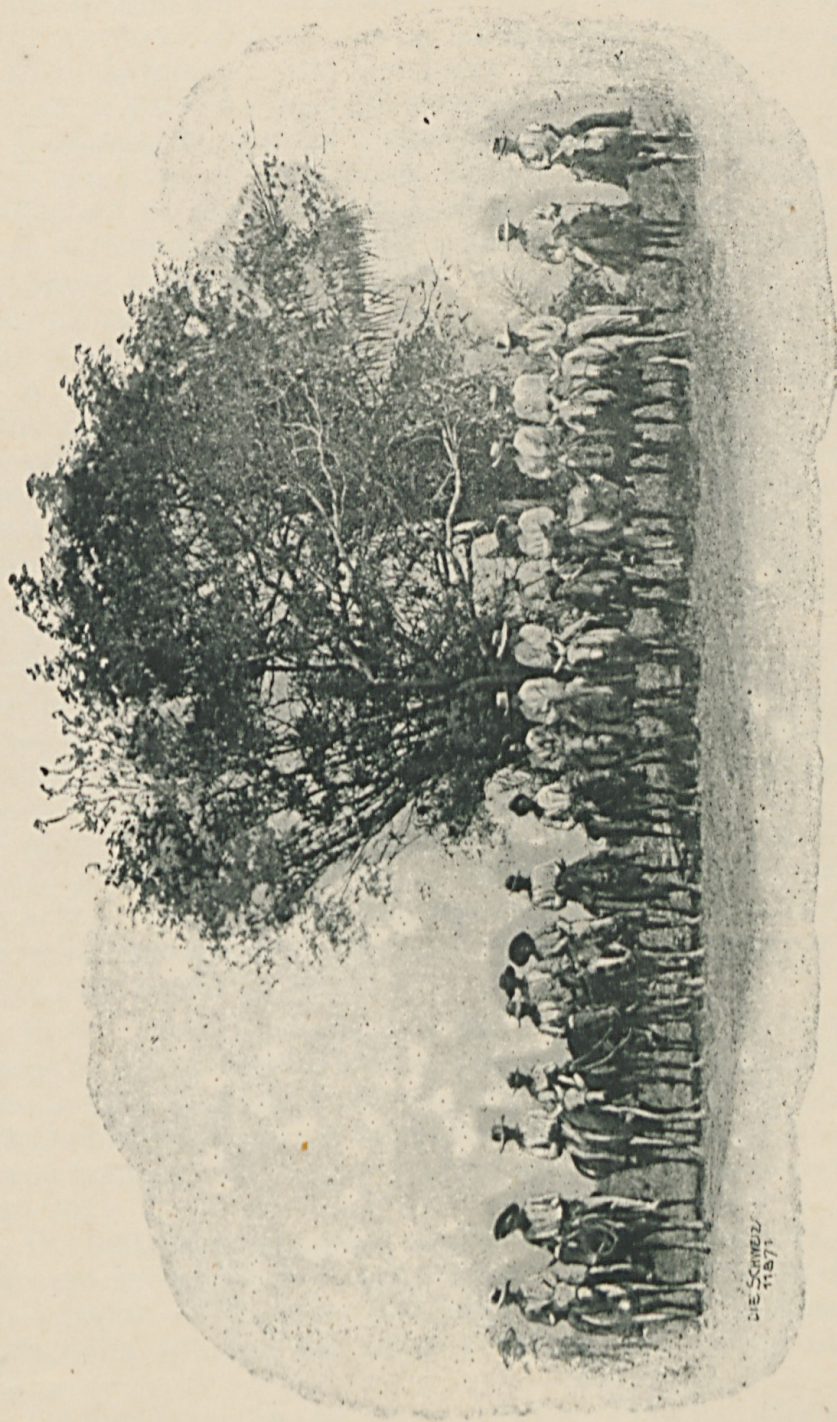
Agora a mata de siriubas (*Avicennia*) de folhagem rala ergue-se, primeiro á esquerda, depois tambem á direita, e logo as ramagens de ambos os lados formam por cima de nós arcadas de uma rendilhada abobada de sombra, pouco espessa embora, mas agradavelmente fresca.

Momentos depois surge-nos uma grande ave de rapina com o cerumen amarello côr do chromo de chumbo, corpo preto e uma lista branca transversal na cauda: é uma especie de aguia chamada «gavião caipira» (*Urubutinga zonura*).

Uma algazarra que logo depois ouvimos vem de um grande bando de periquitos verdes com uma mancha amarellada, quasi branca, no espelho das azas (*Brotogeris virescens*) que parecem-me ter uma effectiva predilecção pelos matos de siriúba, pois tenho-os encontrado muitas vezes em identicas circumstancias, nas matas costeiras da Guyana.

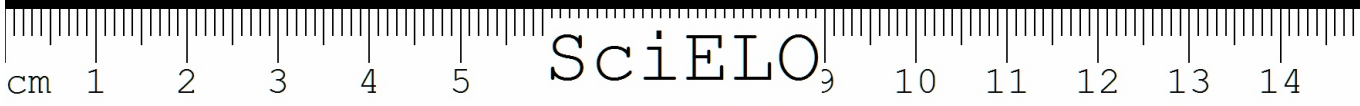
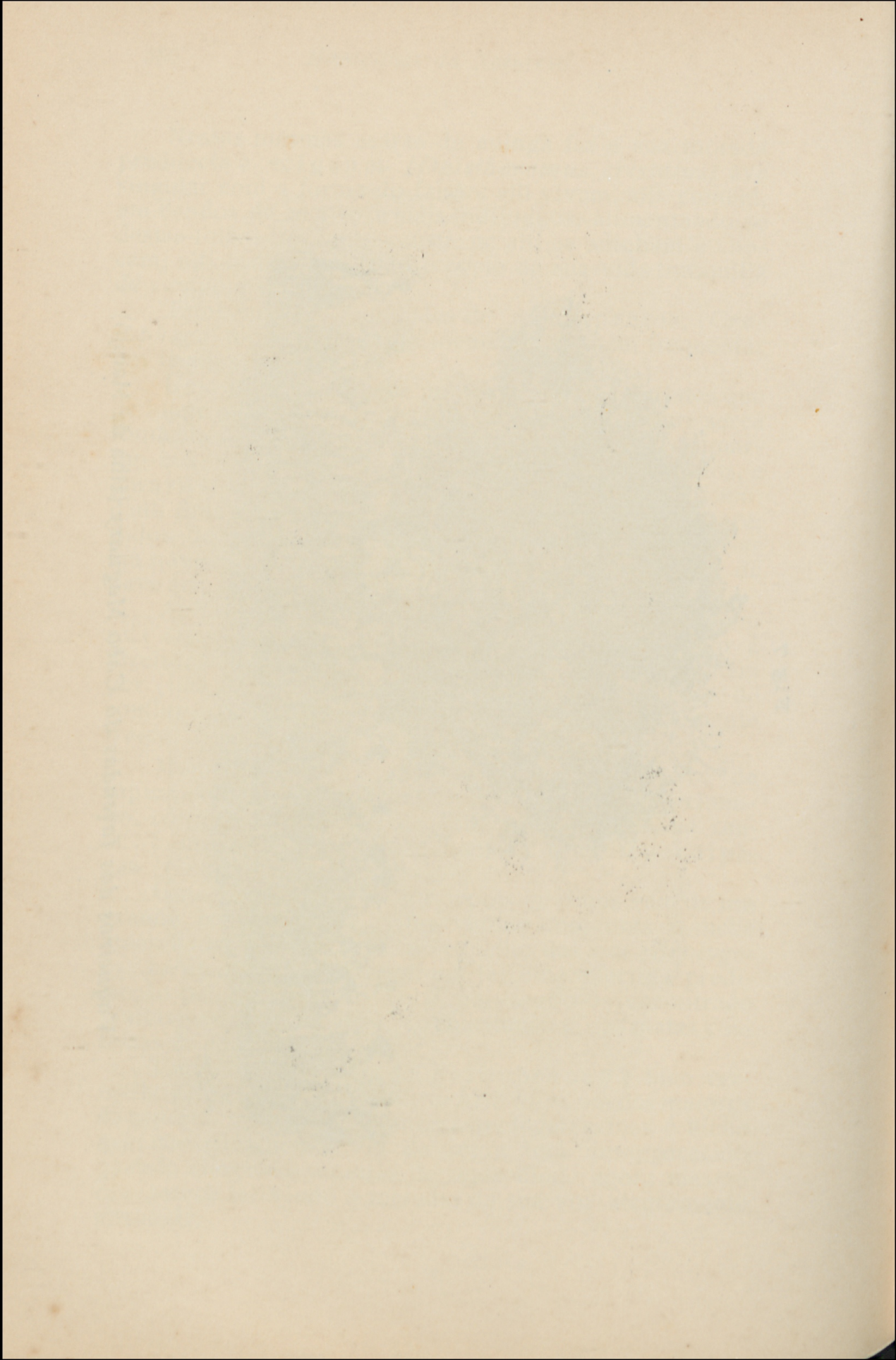
Tambem o tucano de peito branco e bico vermelho (*Rhamphastus erythrorhynchus*), um dos maiores da especie, costuma frequentar estes logares, mas é bicho que não pára, e por via de regra terá desaparecido quando chegamos ao sitio de onde ainda agora mesmo nos parece ter vindo a melodia da sua voz alegremente aflautada.

Fig 7



Vaqueiros das fazendas do Cabo Maguary (Ilha de Marajó)

Die Schmezz
11.9.71



Com muita probabilidade temos de encontrar ainda o rabugento arapapá (*Cancroma cochlearia*), com pequenos grupos de cararás (*Plotus aninga*) e talvez também com uma colonia de «passarões» (*Tantalus loculator*) de mistura com colhereiros de delicada côr de rosa, e guarás de vivo rubro.

Sahimos de sob as arcadas; estamos de novo em pleno céu tropical e os raios do sol equatorial brilham e reflectem-se mil vezes, pulverisando de pontos luminosos as comas dos arbustos e arvores de meia estatura e o tapete variegado de folhas com que innumeradas trepadeiras revestem a vegetação das margens. O mundo alado ainda uma vez se nos apresenta sob novo aspecto.

A cada pancada dos remos levanta-se do verde labirinto de grinaldas, de um lado ou de outro, um bando de socós, em todas as phases de idade, evidentemente advertidos mais pelo seu agudissimo ouvido que mesmo pela vista, e se dispersam em todas as direcções, com gritos asperos que bem mostram o embaraço em que se acham para encontrar sem demora um novo esconderijo sombrio.

E assim durante um bom quarto de hora, caminhamos, levando continuamente á nossa frente uma nuvem de 30, 50 e mais socós; nem é mistér sermos notavel Nimrod para enchermos o bóte com uma hecatombe desses lobregos *Nycticorax*.

Muito mais arisco se mostra o magoary (*Ardea cocoi*) que vôa quando ainda estamos longe, lançando nos ares o seu grito de alarma, aspero e desagradavel, que echôa na floresta, causando quasi medo a quem o ouvir pela primeira vez.

O leito do rio, cada vez mais estreito, tem agora apenas as dimensões de um regato; de um lado e de outro estende-se a planicie vasta dos campos; aqui e alli juncaes, ás margens ambas, alternam com faixas de arbustos baixos transgredindo para a vegetação herbacea da vasta planicie.

Por entre os juncaes e cannas do bréjo os téu-téus estão em tal excitação, sem fugirem de nós, que podemos suppor explicar-se isto com a presença dos seus engraçados filhotes de pennugem eriçada como uma escova.

Do mesmo modo os maçaricos, maçaricões e vedetas-da-praia, que habitam promiscuamente os

mesmos sitios, aos pares ou em pequenos grupos, não se dão pressa em levantar-se.

Lá estão, apumados em fila, ao longo da ribanceira com parede a prumo, mais de uma duzia de vultos escuros cuja maior parte, á nossa chegada, mergulha no rio, e dos restantes um ou outro vóa para mais longe e aguarda os acontecimentos nadando. Não lhes vai mal, portanto, o nome de «mergulhões» com que os designa o povo, (*Phalacrocorax brasilianus*) tambem chamado «biguá» pelo sul do Brazil.

Deixemol-os tranquillos: a sua carne tem um nauseante cheiro de peixe, e alem disso temos experiencia que o nosso chumbo não lhes faria grande mal, protegidos como são pela extraordinaria rigidez das pennas alares.

Por muito boas razões abstemo-nos tambem de perseguir aquelles «cauauãs» que, lá longe, passeiam tranquillamente no campo,—o *Ciconia magoary*—duplamente maiores que o seu parente europeu, inatingiveis assim ao descoberto, como inutil seria igualmente dar caça áquelles avantajados pernaltas escuros,—os «curicacas» dos naturaes, (*Geronticus albicollis*)—de que se veem alguns, isolados pela savana.

O nosso desejo de caçadores tem porem já no que satisfazer-se: das duas margens do rio erguem-se bandos de patos e marrecas bravos que, ás centenas, descrevem no ar, ao redor de nós, dois ou trez largos circulos e vão-se abater ao longe, lá por traz, nos juncaes extensos, á esquerda.

Emquanto elles giram por cima de nossas cabeças podemos, pelas dimensões, pela fôrma, pela côr, e pela voz, reconhecer o patriarcha selvagem do pato dos brasileiros (*Cairina moschata*) a que os europeus no estado domesticado chamam «pato almiscado» e «pato turco»; distinguimos o arisco *Sarkidiornis carunculata*, que na região é conhecido por «pato de Cayena» e «pato castelhano» de peito branco tendo o pescoço mosqueado de preto e uma excrescencia lateralmente comprimida sobre o bico. Quer este, quer aquelle são duas soberbas formas da estirpe das *Anatides*.

Mas não só essas duas especies constituem o bando; duas especies do genero *Dendrocygna* caracterisado por pernas relativamente altas, lá tambem se acham, a *D. viduata* e a *D. discolor* a que os do paiz dão os no-

mes de apahy é marreca de Marajó, cujo grito argentino em *fi-fi-fi* as denuncia, mesmo á noite, e finalmente a graciosa marrequinha a n a n a h y (*Querquedula brasiliensis*), a menor de todos, cuja voz, um tanto semelhante á da marreca domestica européa, é a unica que, nos paizes equatoriaes da America, traz-nos do reino dos sons da natureza ao ouvido uma recordação da patria.

Esforçamo-nos de romper uma passagem por entre as hastes de arumá (*Marantha*) e juncos mais altos que um homem.

Ainda não vemos nada, mas já uma orchestra de mil vozes de aves que vamos ouvindo cada vez mais distinctamente á medida que avançamos é prenuncio de que não voltaremos sem resultado da nossa excursão. Pouco a pouco o entrelaçado da vegetação de brejo vai ficando menos denso e assim veio o momento onde as consequencias de cada passo precisam ser cuidadosamente calculadas e premeditadas.

Por entre as ultimas hastes podemos descortinar um aspecto desembaraçado sobre uma laguna de savana de alguns centos de metros em comprimento por outros tantos em largura.

A scena da vida animal que ora se apresenta aos nossos olhares é tão grandiosa e imponente que todos permanecemos estupefactos, retendo a respiração, cada um perguntando a si mesmo si o que vê é real ou não será uma «fata morgana» e deslumbramento de algum sonho.

Neste momento nenhuma idéa nos é mais alheia do que de recorrer ao meio brutal de verificar, com um tiro inesperado, si aquillo é realidade ou effeito de uma alucinação.

O que alli está em aves do bréjo e aquaticas, palmipedes e pernaltas, accumuladas em um espaço relativamente pequeno; tudo o que está alli se enlameiando, chapinhando, esgaravatando, bicando, mergulhando, nadando, voando, piando, grasnando, gritando, tudo ao mesmo tempo, n'um *ferret opus* incrível, desafia qualquer descripção; diante de taes quantidades é impossivel contar e difficillimo mesmo avaliar e todos os recursos da linguagem não são bastante expressivos e brilhantes

para dar uma idéa do barulho, da confusão que alli reina.

Algum exito teria talvez, no que tóca á vista, o pincel de um privilegiado pintor de animaes, para o qual cada pequeno trecho da paisagem deante de nós formaria um grato assumpto para uma tela de real valor.

E outros novos reforços estão ainda a cada momento chegando a esse atordoador festim: pesados patos de Cayena voam em bandos por cima de nós e com tal impeto que nos é distinctamente perceptivel o ruflar de suas azas ferindo o ar; nuvens compactas de marrecas caboclas e ananahy descem umas após outras; enxames de colhereiros e guarás chegam successivamente, enfileirados em forma de cunha, guardando com garbo militar a forma da ordem de marcha.

Intercalam-se grupos de sombrios mergulhões e bandos de elegantes massaricões.

Por cima da agua agitada e em borbulho ha um turbilhão irrequieto de niveas garças e candidas gaivotas em movimento de vai-e-vem, ao mesmo tempo que nas camadas mais altas paira nos ares um exercito de passarões (*Tantalus loculator*) nas suas evoluções magistraes.

Reconhecemol-os pelo campo negro na face interna das azas, e podemos apreciar-os subir em espiraes a alturas taes que apenas parecem diminutos pontos no céu.

O enorme *tuyuyú* papudo que passeia gravemente defronte da multidão, está evidentemente conscio do seu papel de generalissimo dos povos reunidos.

A ilha de mato que fica além, para traz do lago, é séde de verdadeira maravilha da natureza; alli, desde muitos annos, ha um «ninhal», isto é, o logar preferido por um sem numero de aves do brejo e aquaticas para suas posturas annuaes. Vale a pena o sacrificio de irnos até lá por difficeis caminhos, porque o espectáculo a que vamos assistir nos permanecerá indelevelmente gravado na memoria.

Já de longe avistamos multidões de garças de toda a especie nas extremidades dos galhos por cima das largas copas das arvores, e quanto mais perto chegamos, maior numero vemos de ninhos chatos, grandes como rodas de carros, e que apparecem como manchas escuras por entre a ramagem rala do mato.

Em cada arvore contamos duzias delles.

Fig. 8

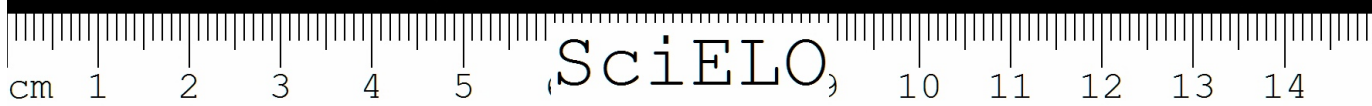
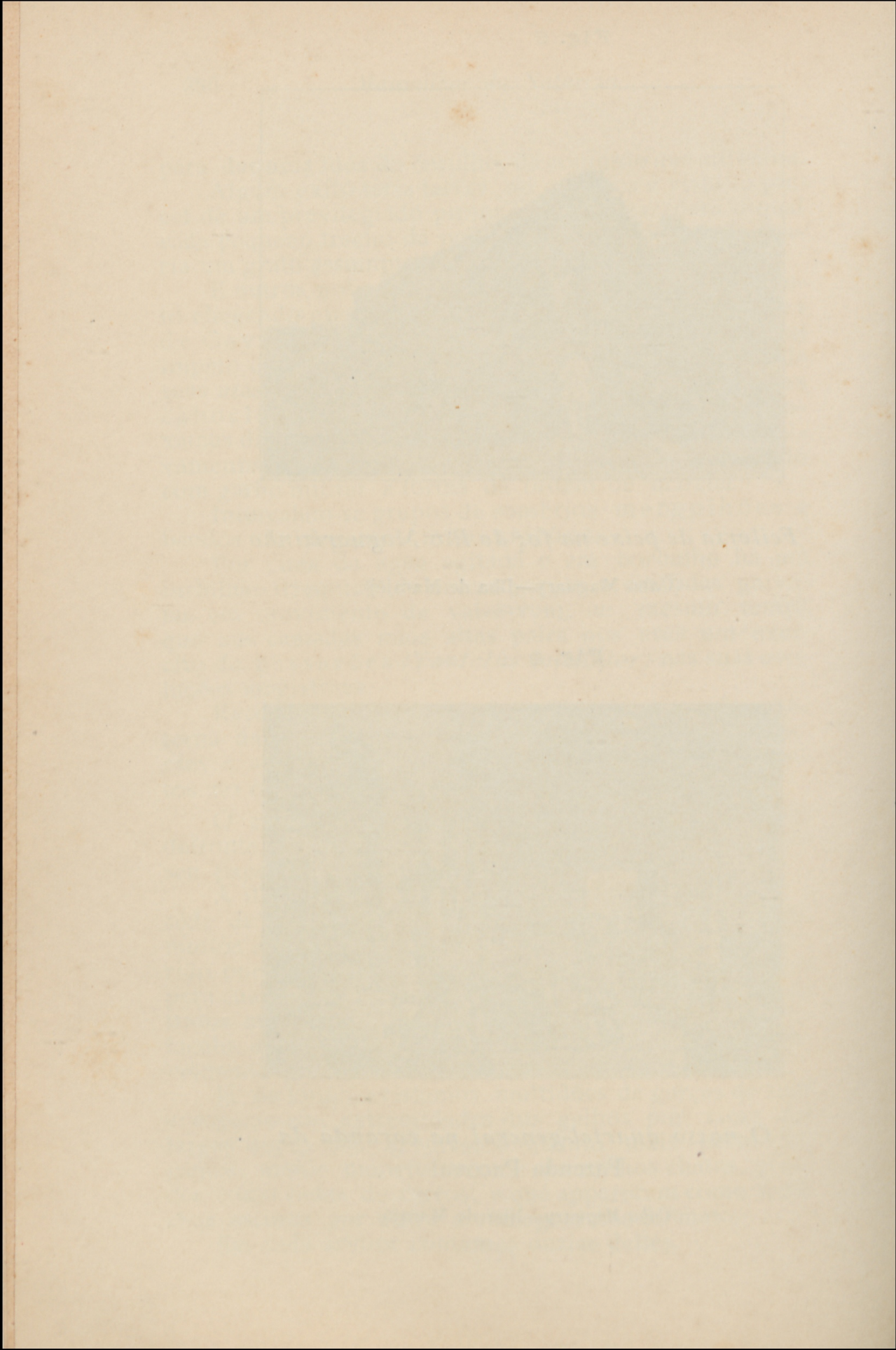


Feitoria de peixe na foz do Rio Maguarizinho
(Cabo Maguary—Ilha de Marajó)

Fig. 9



O nosso quartel-general na varanda da
Fazenda Pacoval
(Cabo Maguary—Ilha de Marajó)



SciELO

O barulho torna-se cada vez mais ensurdecido: ao penetrar na floresta julga a gente ter cahido em um brodio de bruxaria.

Garças brancas, grandes e pequenas, garças morenas, arapapás, magoarys, colhereiros, cauauans, guarás, mergulhões grandes, cararás, tudo alli vive em confusão, na mais variada promiscuidade, ao lado e por cima uns dos outros, na mesma arvore, na qual muitas vezes em uma só ha diversas colonias de ninhos de meia duzia de especies.

O cacarejar, bater de bico, fungar, proferido simultaneamente por milhares de gargantas é interminavel. E apesar de certos costumes sociaes, por exemplo, em parte alguma o temperamento irascivel e inclinado para brigar do povo das garças se manifesta tão claramente, como na intimidade da vida familiar.

Um que chega ou parte, um que corre ou pousa, ou come, qualquer acto ou movimento enfim é pretexto certo para a perpetuidade de disputas entre os mais velhos, logo liquidadas a bicadas, com erriçamento das pennas e revoltante vociferia. E como filho de peixe sabe nadar, brigam tambem já os filhótes escarrapachados sobre os galhos lá pelas visinhanças do seu berço natal e brigam até mesmo os que ainda estão em pennugem e mal se podem ainda levantar sobre as suas miseras pernas molles, dentro do proprio ninho.

E esse chari-vari infernal dura dia e noite e por todo o tempo da postura.

Como as differentes especies, generos e familias variam mais ou menos sob o ponto de vista do tempo da sua nidificação e postura, a nossa visita ao «*ninhal*», como os naturaes do paiz chamam a essas grandes colonias, poderá ser acompanhada de ricos resultados ornithologicos, fornecendo-nos fartas colleccões e bellas series de ovos, e de borrachos em diversas phases de desenvolvimento.

Entretanto será de certo mais facil apanhal-os que trazel-os em bom estado, devido ás difficuldades de transporte.

Um lancear d'olhos mais attento sobre o nosso ambiente virá, porém, resfriar um pouco o nosso entusiasmo porque, por esta face, o que alli vemos e respiramos equivale quasi á negação completa da esthetica; excrementos cõr de cal, ovos pôdres, restos de alimentos,

cadaveres de filhotes cahidos, formam uma camada de guano igualmente repugnante á vista como ao olfacto.

Faz-se mistér regressarmos, pois vem cahindo a noite. E outra vez, percorrendo o rio, á volta, assistimos a um novo espectáculo. Bandos numerosos contendo ás centenas de uma ave de rapina de côr sombria chegam e procuram evidentemente empoleirar-se nas arvores altas da margem para passarem a noite; é o *Rosthramus sociabilis*, o «gavião de uruá» dos indigenas, assim denominado porque se alimenta de «uruás» (*Ampullarias*) especie de caracões que elle abre com notavel pericia com o seu bico aquilino e de especial configuração a modo de ferro de abrir latas de sardinhas, e aos quaes durante o dia dá caça, nas depressões humidas da savanna, nas vallas e nos regos bem como nos extensões «pirisaes.»

Na avifauna da America meridional as aves de rapina diurnas entram em maior proporção que na do velho mundo. Effectivamente, das 150 especies de aves por nós encontradas até hoje no triangulo nordéste de Marajó, cerca de 25 são aves rapina diurnas, isto é 1/6 do total.

*
* *

Completariamos o cyclo, quanto ao mundo alado, consagrando-lhe ainda uma excursão á costa maritima da ilha, mas vamos desistir desse intento, preferindo variar de thema com as maravilhas que a Natureza nos offerece no reino dos reptis, em Marajó.

Emquanto que por via de regra os animaes desta estirpe formam uma secção silenciosa no concerto dos animaes e a sua presença em vez de se trahir e apparecer obriga-nos, ao contrario, a procural-os; ao passo que, sob o ponto de vista do numero e dimensões dos individuos, esse grupo representa um papel cada vez mais secundario em proporção com o augmento de distancia do equador, nos paizes equatoriaes as cousas se passam bem diversamente.

Elles não se contentam já com essa posição inferior, e a ilha de Marajó é um desses paizes privilegiados onde os reptis constituem justamente um traço caracteristico da physionomia local, e recordam o estado de cousas e as scenas dos periodos geologicos anteriôres.

Predominam accentuadamente entre todos, os jacarés e camaleões.

Duas especies de jacarés encontram-se em toda a região amazonica em quantidade innumeravel, onde quer que exista uma enseada quieta de rio, uma lagôa, um «mondongo» (pantano alagado) ou um lago de alguma importancia; rios de lenta correnteza tambem lhes servem mas evitam o quanto possivel os trechos fluviaes com movimentação um tanto violenta da agua.

Ora, dando-se justamente o caso acima descripto não só em Marajó como nas duas ilhas irmãs gêmeas Cavianna e Mexiana, essas ilhas constituem por isso mesmo um El-Dorado phenomenal de jacarés.

Dessas especies, a que ficou inferior em dimensões e corpulencia, chamada dos indigenas jacaré-tinga, isto é—claro—, é o *Caiman sclerops*, muito vulgar na America do sul aquem dos Andes; a outra, muito mais avantajada, a que chamam jacaré-açú, isto é—grande—é o *Caiman niger*, o alligator preto, peculiar á bacia do rio-rei.

O jacaré-tinga alcança em geral um metro e meio de comprimento e só mais raramente attinge aos 2 metros; o jacaré-açú porém apresenta-se frequentemente com 4 metros.

Durante o periodo da procreação, que tem lugar no verão, ambos são igualmente ferozes e agressivos, mas durante o resto do anno—coisa singular, geralmente sabida pelo povo—o jacaré-tinga, o menor, mostra-se mais malvado e bravio que o grande, o qual, no fundo, mostra-se um tanto fleugmatico e até certo ponto mesmo covarde.

O rio e o lago Arary, e os pantanos collossaes do interior de Marajó, designados no local sob o temido e temivel nome generico de «mondongos» bem como outros da série de lagos interiores e rios que delles vão ao Atlantico, são, desde muito, sitios afamados pela grande quantidade de jacarés que os habita, e o que allí vi com os meus proprios olhos não fez senão confirmar esta tradicional fama.

Quando, em pleno verão, a superficie do lago Arary desce ao mais baixo nivel, os jacarés em enorme quantidade, ficam encrustados no lodo das beiras que se vai seccando, e allí permanecem uns por cima dos outros qual monte de achas de lenha em camadas de metros

de altura, paralyzados em uma lethargia estival que dura mezes e da qual só são libertados pelas primeiras chuvas da estação seguinte.

Em algumas fazendas situadas á costa atlantica, entre o cabo Magoary e o rio Tartarugas, os incomodos e prejuizos causados pelos jacarés são taes que os fazendeiros são obrigados a fazer annualmente grandes caçadas onde os matam em quantidades assombrosas: para só citar um caso direi que em 1897, um fazendeiro que conheço matou, só nas suas terras, alem de 2000 jacarés!

Em 1850 Wallace assistiu, na Mexiana, a uma dessas caçadas collossaes, e a grande quantidade de gordura que tiraram desses hydrosaurios, era então utilizada ainda na illuminação domestica.

E' cousa digna de vêr-se como são feitas essas originaes caçadas. Grande numero de pessoas embarca em canôas e com grande algazarra catucam com varas o fundo d'agua, desalojam de seus esconderijos os jacarés que estão espalhados, mettidos no lodo, e os vão vaquejando pouco a pouco para alguma enseada baixa da margem, de onde não possam fugir para o meio, fundo, do lago.

Então, quando elles estão alli concentrados em centenas ou milheiros, um vaqueiro fórte e pratico entra pela agua que apenas lhe bate nos joelhos, salta destemidamente para cima das costas do primeiro jacaré que encontra, e quebra-lhe os ossos da região occipital com uma machadada vigorosa e certa. Passando de dorso para outro, distribue o golpe mortifero á direita e á esquerda.

Faz assim uma carnificina em regra, como se tratasse de um rebanho destinado ao córte em um matadouro e não de poderosos jacarés que, além da terrivel dentadura, têm ainda como arma a cauda, chata como um remo e extraordinariamente vigorosa, capaz de quebrar de uma só pancada um braço, uma perna.

Esse trabalho exige um tal gráo de coragem e sangue-frio e um tão perfeito conhecimento dos habitos e do character d'aquelle temivel saurio encouraçado, que quem assiste a uma caçada desse genero fica cheio de espanto e não regateia admiração para com os rudes e valentes vaqueiros marajoáras.

Outras provas, aliás não menos notaveis da habili-

dade d'aquelles homens primitivos e que dizem respeito á psychologia dos animaes tenho, a bem pesar meu, de passar em silencio para não exorbitar em demasia dos limites desta conferencia.

Não quero, entretanto, deixar de declarar que uma desgraça nessas descomunaes hecatombes periodicas constitue uma raridade.

A *Iguana tuberculata*, o «camaleão» dos brazileiros do norte, que costuma attingir até 1,^m 75 da cabeça á ponta da cauda, podemos encontrar ás centenas na ilha de Marajó, principalmente na parte nordéste, si por alli fizermos uma pequena excursão por um dos rios littoraes. Eu vi-os em quantidade surprehendente no Cabo Magoary e ao longo da costa atlantica.

Algumas das ilhas menores antepostas á linha costeira a distancias de uma ou mais horas, teem os camaleões por seus principaes habitantes, e de facto a sua abundancia nellas é tal que elles chegam a effectuar profundas modificações na vegetação.

Dessas ilhas conheço *de visu* a «dos Camaleões» e a «dos Machados» ás quaes fiz uma visita em principio de setembro de 1896.

O proprietario desta ultima que cavalheirosamente nos hospedou na sua fazenda «Dunas» e foi nosso companheiro e guia a percorrel-a, attribuia o deperecimento das suas matas de siriúbas directamente á infinidade de camaleões que alli vive.

O camaleão e a cigana, ambos vegetarianos declarados, são adstrictos ás mesmas localidades pela analogia dos seus costumes e companheiros e camaradas antigos. Ambos acham o *optimum* das condições de existencia no baixo curso dos vagarosos rios do littoral amazonico e guyanense, sobretudo onde são de terrenos arenosos os espaços intercalados entre a mata e as margens pantanosas dos rios.

Nessa patria humida e quente o camaleão passa a mór parte do anno em um *dolce far niente* alegre e descuidoso, satisfeito de si mesmo emquanto existe alguma cousa para ir comendo. Dias maus todavia podem sobrevir nas ilhas um tanto afastadas, como as duas a que alludi ha pouco, e onde parece haver excesso numerico tal, que a totalidade principia a soffrer pela producção insufficiente das folhas que constituem a sua alimentação.

Entretanto, si naquelles logares que elles devastaram e, pelo seu incrível numero, quasi reduziram a um deserto, chegam durante a estação secca, a passar fomes e ficam magros de metter dó, e ás vezes tão fracos que nem sequer fugir pódem, tal não se dá ás margens dos rios ferteis em que os vemos sempre prosperos, nutridos á farta áquella opulenta mesa eternamente posta.

Quem passa alli em canôa, navegando de manso para os não afugentar de longe, descobre a camaleão e a cada momento, á direita e á esquerda: ora é um lá no alto, na forquilha de um galho, na copa de uma siriúba de folhagem rala; ora é outro que avistamos por entre as magnificas grinaldas dos arbustos floribundos do «cipó de bambural» (*Arrabida*).

E' preciso um olho já algo exercitado para enxergar os individuos pequenos ou os que ha pouco mudaram a pelle, quando, na sua soberba vestimenta verde, estirados e immoveis sobre o tapete de folhas viçosas das trepadeiras que reveste o alto das aningas, gosam a volupia de um banho de sol quente. Quasi sempre esperam-nos, quedos, até uma certa distancia e só fogem si nos approximamos de mais.

Mas uma vez fugindo, extranha-se a prestesa e agilidade que são capazes de desenvolver.

O camaleão nada e mergulha magistralmente e o que cahir n'agua, a não ser que esteja mortalmente ferido, será por via de regra perdido para nós.

Ora, para matal-os ha certas difficuldades a attender: o camaleão é um reptil vivedouro e resistente e de certo não nos cairá nas mãos si não levar uma respeitavel carga de chumbo na cabeça ou na medulla espinhal.

A sua carne é saborosa, assim como os ovos que, ellipsoidaes e com a casca molle qual couro de luva, são postos em geral de agosto em diante, aos 12, 18, ou, no maximo, 24, em buracos rasos na areia dos tesos e das dunas.

Os restrictos limites de uma só conferencia sobre thema tão vasto impedem-me de dizer alguma coisa em referencia á, por vezes gigantesca, serpente aquatica—*Eunectes murinus*—que difficulta aos habitantes ribeirinhos a criação de patos e que ataca os porcos, cães e até vitellos; igualmente devo passar em claro

as tartarugas marinhas, «suruanás» (*Chelone mydas*) que todos os annos buscam a costa atlantica por trechos arenosa para lá fazerem a sua postura. De mais resta-me ainda fallar dos peixes, si bem aqui me seja licito resumir um pouco, visto como já tratei do assumpto em dupla conferencia perante a Sociedade dos Naturalistas de Berne (Suissa). (1)

D'entre as maravilhas da natureza que Marajó offerece relativamente a esta classe de animaes, eu quereria, em poucas palavras, caracterisar uma especie de peixes que, embora não se ache exclusivamente na dita ilha, torna-se comtudo alli notavel de um modo singular—refiro-me á piranha (*Serrasalmo piraya*)—animal de rapina o mais perigoso da America equatorial e a creatura a mais feroz d'entre os peixes em geral.

E' de certo bastante significativo que primitivos homens da natureza, alli creados no meio de perigos de toda a sorte e a elles affeitos desde a infancia, como os vaqueiros de Marajó, não ouçam pronunciar o nome desse peixe sem que em sua physionomia se estampe a expressão de odio e terror ao mesmo tempo.

E entretanto a caça do jaguar constitue para elles quasi um divertimento; domar um toiro bravio é sua occupação diaria; a matança dos jacarés, um perigo que despresam.

Nenhum corpo animal cahindo n'agua escapa aos dentes aguçados dessas furias infernaes cujo nome indigena de «peixe de tezouras» é bem applicado e expressivo. Qualquer parte escoriada, uma gotta de sangue, um pequeno ferimento na pelle, será o alvo immediato da primeira dentada, á qual seguem logo outras, e outras, e centenares, de modo tal que bastam apenas alguns minutos para transformarem o desgraçado que lhes cáe ao alcance, homem, boi ou cavallo, em uma simples armação esqueletica á qual faltarão mesmo já alguns dos ossos menores, e, com certesa, todas as cartilagens.

A relativamente pequena ferida, produzida por bala em qualquer parte musculosa da poderosa cauda de um jacaré adulto, causará do mesmo modo a morte do gigante: o escabujar desesperado do ferido e o espada-

(1) Essas conferencias foram impressas em *Berlim* (Allemanha), na revista scientifica «*Prometheus*», vol. XI, 1900, (ns. 538, 539, 550, 551, 552, 577, 578).

nar da agua em cachão ao redor delle dizem-nos bem que os algozes de escama começaram já o seu trabalho de dissecação. Quando lançamos á agua serena de um remanso do alto Pacoval o corpo de uma capivara morta vimol-o sem demora singrar qual navio a vapor debaixo do impulso de uma helice: era o trabalho de innumeradas piranhas que mordiam ao mesmo tempo o cadaver ensanguentado.

No principio do estio as piranhas começam a subir os rios, em grandes cardumes, exactamente quando alguns outros peixes voltam em sentido contrario para as aguas mais profundas afim de não ficarem presos no interior do paiz, com a baixa das aguas.

Depois de darem a esses outros peixes batalhas horriveis de destruição, ellas se espalham até aos mais remotos canaes interiores da região dos campos, onde representam um flagello, uma calamidade publica, para homens e animaes.

O vaqueiro nos dá uma idéa muito suggestiva do numero deste peixes pelo processo seguinte: mergulha-se na agua o couro ainda fresco e sangrento de uma vacca que se acabou de esfollar e puxa-se outra vez para dentro alguns momentos depois. Isto só se consegue mediante grande esforço porque o peso de todas as piranhas que se atracaram nas fibras resistentes do tecido conjunctivo com os seus dentes triangulares, e que, não podendo ou não querendo largar, deixam-se içar para bordo, como franjas ou borlas de tapeçaria, pegadas ao couro de vacca, exige toda a força de um homem possante.

E' de bom aviso desviarmos nossas mãos, pernas e pés para fóra do alcance d'este sinistro agglomerado de piranhas que se debatem furiosamente no fundo da canôa, salpicando-nos de agua, porque si uma se soltou procura logo morder e é capaz de nos ferir dolorosamente, mesmo atravez do couro ou da sola das botas.

Emfim, si Dante houvesse conhecido as piranhas ter-lhes-ia dado um lugar de honra no inventario dos instrumentos de supplicio de que ser serviu para pintar o inferno.

Não menos singularidades dignas de nota offerece-nos em Marajó o mundo dos insectos. Por exemplo, na região, dos campos, uma abelha amarello-castanha, de pello eriçado—*Centris lanipes*—distingue-se por habitar

em enxames, as paredes de taipa das habitações humanas, fazendo nas horas quentes do dia o zumbido de uma colmeia colossal.

Posto que pertençam ao grupo das *apídes* que a sciencia denomina «solitarias», ellas praticam nas paredes uns furos ou gallerias da grossura de um lapis, em tal quantidade que estas paredes de tabique tomam o aspecto de um verdadeiro crivo. Essa abelha original, conhecida pelo nome de «Vun-vun» que sabe ferrear, mas que felizmente é de um temperamento pacifico, impossibilita por completo a suspensão de annuncios, folhinhas ou estampas nas paredes dos aposentos em certas localidades.

Outra curiosidade da região é a porção de vespas ou «cábas» de variadas especies, muitas das quaes escolhem as varandas abertas e os caibros do telhado das casas para construirem suas cabaças de papelão ou de lodo: outras vão fixal-as nas arvores isoladas do campo.

E' prudente estar com ellas em pé de amizade, porque no caso contrario a sua superioridade numerica poderia trazer-nos desagradaveis consequencias.

Antes nos curvamos por baixo de uma viga ou de um galho horizontal do que excitarmos a colera d'estas creaturas irritadiças; d'esse modo habituamo-nos a um supportavel estado de symbiose, ou antes, de *synoikie*.

Nunca me hei de esquecer o terror com que uma vez, junto ao rio Arary, sob uma grande arvore isolada do campo,—era uma «uxirana»—cuja larga copa vergada em abobada quasi tocava o chão, unico albergue em que seria possivel refugiar-nos durante a noite que se approximava já, descobrimos que os galhos eram inchados por centenas de milhares de *cabas*, especie de vespas grandes, de uma côr castanha pronunciadamente vermelha.

Não havia para onde recorrer e mau grado nosso tivemos que sujeitar-nos á perigosa vizinhança, tomando a maxima prudencia por divisa, mas ao retirarmos na manhan seguinte tivemos que reconhecer, com sincero sentimento de gratidão, que durante as doze horas, ou mais, que alli durou a nossa estadia o minimo mal sobreveio a nenhum dos homens da nossa companhia.

